



BOLETIM INFORMATIVO ANO IX – No. 46 Novembro/Dezembro

## O ESPÍRITO COMO CRIADOR DA REALIDADE MATERIAL

DESDE CEPA – *Por Yolanda Clavijo Blas*



*Sem ser uma novidade, pretendo com este artigo compartilhar um conjunto de informações e pesquisas apresentadas com maior amplitude no XXIV Congresso da Associação*

*Espírita Internacional CEPA, realizado em Porto Rico, que nos levaram a ter a certeza de que cada uma das vivências, histórias particulares ou coletivas, são o produto de criações mentais próprias de cada indivíduo.*

*Para confirmar o exposto, o Dr. Joe Dispenza em um de seus trabalhos cita: 95% do que somos é um conjunto de comportamentos memorizados, respostas emocionais, crenças e percepções que são automáticas, hábitos inconscientes, atitudes programadas; agimos como um programa de computador, criando nossa realidade existencial.*

*Cada vez mais, cientistas relacionados à física quântica, biologia celular, epigenética, neurociência, psicologia, entre outros, junto com pesquisadores espíritas, vêm demonstrando em seus estudos a influência direta e criadora do ser humano, de suas emoções e pensamentos, na própria realidade existencial. Desde doenças, carências, conflitos, relacionamentos, tragédias*

*ou, em sentido positivo, plenitude, felicidade, abundância, saúde e sucesso, tudo se traduz em programas mentais, estruturas provenientes de experiências vividas, ensinamentos, traumas, onde cada indivíduo é responsável pela sua criação de acordo com seu nível evolutivo.*

*Quer dizer que é o nosso próprio espírito o autor e programador de cada vivência experimentada?*

*Com o surgimento da física quântica, seus pesquisadores descobriram que quem mede ou observa as partículas infinitesimais do átomo afeta o comportamento da energia e da matéria. Os experimentos demonstraram que os elétrons existem como uma infinidade de possibilidades ou probabilidades em um campo invisível de energia. Mas apenas quando o observador fixa sua atenção em uma localização do elétron, este aparece. Em última análise, uma partícula não pode se manifestar na realidade, isto é, no espaço-tempo tal como o conhecemos, até ser observada.*

*A física quântica chama esse fenômeno de “colapso da função de onda” ou efeito do observador.*

*No nível subatômico, a energia responde à sua atenção e se transforma em matéria. Como mudaria nossa vida se aprendêssemos a direcionar o efeito do observador e colapsar infinitas ondas de probabilidade na realidade que escolhemos? Seríamos melhores observadores da vida que desejamos viver.*

Os espíritas falam de construções mentais ou formas de pensamento, como imagens que criamos

em nosso campo psíquico e que se geram por associação de ideias. Evidenciam o magnetismo espiritual de seu criador e ganham vida em nossas mentes com durabilidade conforme a intensidade e a frequência da mentalização. Assim, insistimos no poder criador e libertador ou patológico e destrutivo de cada situação que experimentamos.

A esse respeito, o Dr. Gilson Luiz Roberto cita: é na alma que encontraremos as causas profundas de nossos desequilíbrios, a partir de criações mentais que nos são próprias.

O pensamento (emoção) é um fenômeno que ocorre simultaneamente no nível do subsistema do corpo e dos processos mentais. Aquilo que, no nível dos sentimentos, é medo, raiva, dor, tristeza, alegria, estresse, se expressa através de modificações nas funções motoras, hormonais e circulatórias. Isso significa, literalmente, que através dessa tríade criamos uma realidade material, em alguns casos uma doença, em outros, uma situação de conflito, mas da mesma forma pode ser revertida.

O modelo em que os pensamentos são vistos como carga elétrica e os sentimentos como carga eletromagnética indica que os primeiros enviam um sinal elétrico ao campo, e nossos sentimentos atraem magneticamente situações na vida. A união do que pensamos e sentimos produz um estado de ser que gera uma marca eletromagnética, influenciando cada átomo de nosso mundo. Esse fato nos faz questionar: o que estou transmitindo (consciente ou

inconscientemente) na vida cotidiana? Todas as experiências existem como impressões eletromagnéticas no campo quântico. Há uma infinidade de possíveis marcas eletromagnéticas de genialidade, riqueza, liberdade e saúde, que já existem no padrão de frequência de energia.

Para experimentar uma mudança, observemos um novo resultado com uma nova mente. Nossa rotina cotidiana e os pensamentos e sentimentos de sempre perpetuam o mesmo estado de ser, criando as mesmas condutas e a mesma realidade. Se queremos mudar algum aspecto de nossa realidade, precisamos pensar, sentir e agir de novas formas. Do ponto de vista quântico, devemos criar um estado distinto de ser como observador e gerar uma nova marca eletromagnética, fazendo com que a realidade que queremos materializar coincida com a que existe no campo como uma possibilidade eletromagnética. A mudança na mente e nas emoções mudará a energia. Se desejamos um novo resultado, devemos abandonar o hábito de ser sempre o mesmo e nos reinventar.

No caminho do autoconhecimento, rumo à liberdade do espírito, o ser humano, como um padrão comum e através de experiências próprias, comprovou que um conjunto de ferramentas, terapias e técnicas nos conduz a desaprender o aprendido, a revisar cada uma de nossas interpretações resultantes de crenças estruturadas e a viver cada existência em três tempos iguais, rompendo os limites da realidade objetiva e gerando felicidade com base em valores superiores como perdão, gratidão, paz e amor incondicional.



# VOZES EM SOLIDARIEDADE



Na minha condição de cidadão, de hispanoamericano, de espírita, não posso deixar de expressar publicamente o espanto que me domina diante da desqualificação injustificada e grotesca que foi feita sobre Porto Rico, em um ato político realizado em Nova York, no contexto da campanha eleitoral dos Estados Unidos.

De maneira insólita, foi dito que "Porto Rico é uma ilha de lixo no meio do oceano".

Repudio com indignação tal insulto e expresso meu amor e admiração pela Ilha do Encanto, por essa pátria irmã, onde um povo trabalhador, honesto e culto deixou suas marcas em todas as manifestações de cultura e progresso.

Em maio passado, a Associação Espírita Internacional CEPA realizou em San Juan seu XXIV Congresso, e agora a CEPA tem sua sede lá pelos próximos quatro anos, sob a digna presidência do porto-riquenho José Arroyo.

Registro aqui meu repúdio a essa injusta agressão contra a nação irmã e a reafirmação de nossa solidariedade, do nosso imenso carinho e admiração pelo povo de Borinquen, e, em particular, pela sua ampla comunidade espírita, digna da luminosa tradição semeada por figuras como Matienzo, Corchado, Negrón Flores, e muitos outros estudiosos e divulgadores da filosofia kardecista.

**Jon Aizpúrua**

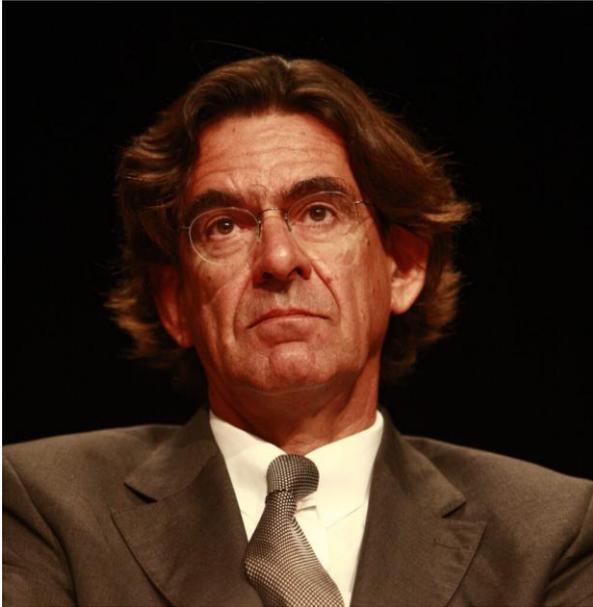
**Nota da redação:** A comunidade espírita de Porto Rico agradece profundamente a solidariedade dos nossos amigos na América Latina e Europa e deseja compartilhar as valiosas palavras de nosso amigo Jon Aizpúrua. As vozes de nossos irmãos espíritas ecoaram em apoio frente a um ato lamentável ocorrido durante um comício no último domingo na cidade de Nova York — onde residem mais de um milhão de porto-riquenhos — no qual um dos convidados aproveitou a ocasião para insultar a ilha. O “bufão” Tony Hinchcliffe afirmou: "Não sei se sabem, mas neste momento existe literalmente uma ilha flutuante de lixo no meio do oceano. Acho que se chama Porto Rico."

Esse comentário, amplamente mencionado e repudiado pela imprensa internacional, gerou uma onda de condenação tanto nos Estados Unidos quanto na ilha. O jornal El País destaca que essas declarações, “embora não surpreendam, sim, indignam”, refletindo o sentimento de milhares de pessoas em solidariedade a Porto Rico.

## ARTIGO EM DESTAQUE

# DEMOCRACIA: ;UMA UTOPIA AINDA A SER ALCANÇADA!

por Ricardo de Moraes Nunes



Temos defendido ao longo dos últimos tempos a importância dos espíritas pensarem as questões da política, da economia e da sociedade com vistas a poderem formar uma consciência mais ampla destas questões, de um ponto de vista filosófico, não partidário, como é obviamente o caso quando tratamos desses temas no âmbito do movimento espírita.

Acreditamos mesmo que tais reflexões podem propiciar aos espíritas um melhor desenvolvimento de seu pensar político e social, de um ponto de vista crítico, tendo em vista a uma melhor participação cidadã, de natureza humanista, nas diversas sociedades do mundo em que vivem.

Nesse campo temático se há uma discussão que realmente causa muita divergência, mesmo entre os espíritas estudiosos, é sobre o conceito de democracia. O que é afinal democracia? Conceito fundamental que precisa ser aprofundado, pois não basta dizer que somos a favor da democracia

ou que somos contra as ditaduras. É necessário explicar o que entendemos por democracia.

É necessário iniciar a nossa reflexão lembrando que o conceito de democracia remonta à Grécia antiga. A pólis ateniense é o primeiro exemplo de democracia direta no mundo. Desde esse momento passou a ser comum remontarmos a essa origem, cantarmos em verso e prosa a democracia que surge em Atenas.

Porém, é necessário irmos além e perguntarmos como funcionava essa democracia, era realmente democrática a pólis ateniense? Sabemos que não. Em Atenas apenas o cidadão da pólis tinha direito a se manifestar na Ágora. A maioria da população era de escravos, mulheres e estrangeiros que estavam excluídos da participação nos negócios da cidade-Estado.

A democracia grega, quando olhamos bem de perto, quando observamos a sua estrutura, não era tão perfeita assim. Claro que esses defeitos, olhando em retrospecto, não são suficientes para rejeitarmos o grande avanço da proposta democrática grega.

De lá para cá muita coisa mudou. Muita água



correu debaixo da ponte.

Tivemos o fim das cidades-Estado na Grécia sucedidas pelas várias dominações imperiais da antiguidade, o domínio teológico e político da Igreja católica, o poder dos monarcas, as revoluções políticas contra o poder dos monarcas, o poder dos burgueses, as revoluções contra o poder dos burgueses. Passamos pelos regimes político-econômicos do tipo escravocrata, feudal, escravista colonial, capitalista e socialista. Passamos pela revolução agrícola, industrial e hoje digital.

No século XX, tivemos, ainda, ditaduras de direita, de esquerda, repúblicas teocráticas, Estados e legislações de segregação racial, imperialismo moderno, colonialismo, guerras de intervenção estrangeira, guerras civis, golpes militares e revoluções.

Como se não bastasse os fatos acima mencionados, em algumas nações, nas últimas décadas, infelizmente, tem ocorrido uma relação promíscua entre as instituições de Estado e a criminalidade comum, o que, sem dúvida, acentua os problemas políticos e sociais, dificultando, ainda mais, a busca pela concretização dos princípios democráticos.

Na grande maioria das nações do mundo, hoje,



vivemos no sistema que podemos chamar de democracias liberais, representativas, de perfil econômico capitalista. Há alguns países que ainda ostentam, com maior ou menor intensidade, alguns princípios de seu período socialista, mas é

possível contar esses países nos dedos após a dissolução da União Soviética e a queda do muro de Berlim.

O comunismo e o socialismo, em nosso tempo, nessas duas primeiras décadas do século XXI, não são mais ameaças ao sistema capitalista e às democracias liberais como insistem os ultradireitistas desse nosso momento histórico, que se utilizam do absurdo e falso argumento da “ameaça comunista” para solapar qualquer possibilidade de crítica ao capitalismo e a essas democracias.

Enfim, o que podemos verificar, hoje, é que as democracias liberais ainda são extremamente incompletas e que não realizam todo o potencial do ideal democrático. O grande modelo, para muitos, dessa democracia moderna, liberal, são os Estados Unidos da América.

Porém, se olharmos para a realidade social destas democracias liberais com “olhos de ver” observaremos que essa democracia mínima tem sido tão sintonizada com os interesses do capital que muitas vezes ela se torna uma verdadeira antidemocracia nos países nos quais ela foi adotada.

E, ainda pior, em nossos dias, mesmo essa democracia mínima, está sendo atacada com vistas a retrocessos inaceitáveis que seguem em direção a concepções neofascistas de sociedade que andam de mãos dadas com teorias e práticas econômicas neoliberais, as quais destroem qualquer ideia de justiça social ou bem-estar social.

Frequentemente, a política contemporânea, em seu melhor sentido, como representativa dos direitos dos cidadãos, tem sucumbido aos interesses do dinheiro, da acumulação e da riqueza de alguns poucos. Há necessidade, hoje, de realizarmos uma profunda crítica às sociedades que giram em torno do capital e esquecem o ser humano.

Devemos, portanto, dizer, em alto e bom som, que, de um ponto de vista espírita, portanto,

humanista, que privilegia o ser ao invés do ter, os interesses do “mercado”, do capital, das minorias privilegiadas em termos econômicos, não devem prevalecer sobre os interesses da sociedade como um todo.

É necessário, sob esse horizonte alargado de sociedade, voltarmos a acreditar que os homens e mulheres de nosso tempo, coletivamente, podem construir um destino político diferente, sendo imprescindível, em nosso entendimento, começarmos a construir um novo ideal democrático tendo em vista o futuro da humanidade.

Para esse objetivo é urgente nos descartarmos da ideia, muito útil aos que mandam no mundo e que estão confortáveis nas situações de injustiça e exclusão dos outros, de que não há outro mundo possível.

Nesta linha de raciocínio, devemos ter como premissa fundamental, que a democracia ainda é a grande utopia a ser alcançada. Nesse sentido, é necessário elevar o nosso conceito de democracia, não nos contentando, apenas, com as chamadas liberdades formais, aquelas dos direitos e garantias do indivíduo perante as possíveis arbitrariedades do Estado.

## **2ª parte**

Não há que se falar em democracia real sem considerarmos também as necessidades materiais dos cidadãos. Não é possível falar em democracia em um mundo de milhões de marginalizados no sentido do acesso aos bens fundamentais ao desenvolvimento da vida.

É necessário lembrar que, atentar contra a dignidade material das pessoas no nível fundamental da sobrevivência digna, é também atentar contra os direitos humanos. Há países que se dizem “livres” e “defensores da liberdade”, mas que atentam contra os direitos humanos no sentido do absoluto desamparo às condições materiais de vida de seus cidadãos. Liberdade para morrer de fome não é liberdade.

Pensamos que esta maneira de compreender os problemas políticos e sociais de nosso tempo corresponde plenamente aos generosos

princípios que podemos encontrar em toda a obra de Allan Kardec, a qual nos convida à permanente transformação individual e coletiva.

Entendemos que nós, espíritas, podemos auxiliar o processo de transformação dessa ordem de coisas, em primeiro lugar denunciando as sociedades que permitem a acumulação de riqueza nas mãos de uns poucos enquanto milhões, em nossos países e no mundo, se encontram privados do básico para uma vida digna e decente.

Dessa forma, estaremos dando um primeiro passo fundamental no enfrentamento dessas situações que é o da conscientização do maior número de pessoas sobre esse grave problema de nosso tempo. O movimento espírita, com seus centros e instituições, pode colaborar muito nesse processo, sendo claro que se não o fizer estará colaborando também, só que em um sentido contrário, favorecendo a alienação, portanto, o status quo, a exploração.

E, em segundo lugar, nós espíritas, podemos auxiliar o movimento geral de transformação social com a nossa participação, sempre pacífica em conformidade com os princípios de não violência ensinados pelo espiritismo, em todas as instâncias da palavra, da ação e da manifestação, que nos forem acessíveis no campo das lutas sociais.

Para isso, é necessário nos livrarmos dos conceitos superficiais e ingênuos de democracia e ditadura. É certo que todo espírita minimamente informado dirá, como um mantra religioso ou como uma verdade metafísica quase que vinda do alto, que é favorável à liberdade e à justiça social. Claro, não poderia ser diferente do ponto de vista filosófico-espírita. Isso é de uma evidência cristalina, mesmo em uma baixa compreensão da filosofia espírita.

Mas o que devemos ter em mente é que a conquista destes fatores, liberdade e justiça social, em sociedade, não ocorrerá simplesmente por gratuidade de Deus ou benevolência dos poderosos. Liberdade e justiça social devem ser conquistadas através das lutas sociais.

É necessário levar em conta os interesses materiais em jogo, em uma palavra: a luta de classes. Mesmo que essa luta de classes, em nosso tempo, tenha adquirido características e peculiaridades distintas da época em que foi concebida teoricamente.

Sem uma compreensão dialética da vida social, dos conflitos de interesses em jogo, das resistências e pressões no campo prático da vida social, não avançaremos um milímetro nem mesmo na compreensão do que efetivamente acontece em nossas sociedades contemporâneas. E sem compreender, não conseguiremos contribuir.

É necessário termos claro que as nossas sociedades capitalistas contemporâneas não estão em conformidade com a ideia de justiça natural que encontramos nas propostas espíritas. E que só poderemos realmente ter um conceito mais amplo de democracia quando extingirmos, socialmente, economicamente, e politicamente, os abismos materiais entre as pessoas, que as fazem tão diferentes em suas condições de vida, apesar da mesma humanidade.

Não se trata de um objetivo fácil, é um horizonte a ser perseguido por todos que amam a justiça. Os espíritas entre eles.

Essa condição de maior igualdade, dará mais amplo sentido, até mesmo, ao processo da reencarnação dos indivíduos, porque poderíamos perguntar: de que adianta ao Espírito reencarnar em condições tão desfavoráveis que, muitas vezes, o fazem sucumbir em relação ao próprio objetivo da reencarnação, que é seu autodesenvolvimento intelecto-moral em sociedade?

Na atualidade, há estudiosos que afirmam que vivemos a época do

capitalismo pós-fordista, que privilegia a financeirização da economia ao invés da produção, deixando, portanto, nessa nova fase do capitalismo mundial, milhões de pessoas no mundo sem ter condições de acesso a um trabalho ou tendo como perspectiva apenas trabalhos precarizados.

### Última parte

Em *O Livro dos Espíritos*, publicado em meados do século XIX, época em que ainda não tínhamos no mundo um capitalismo tão desenvolvido, encontramos uma interessantíssima antecipação crítica às subjetividades que giram apenas em torno do capital, da acumulação, do ter.

Tais subjetividades, ao longo do tempo, acabaram por criar, em uma união de interesses, um sistema, uma estrutura econômica-social-política, altamente favorecedora do egoísmo pessoal. Assim respondiam os Espíritos às perguntas de Kardec à época:

Questão 711- O uso dos bens da terra é um direito de todos os homens?

*R: Esse direito é a consequência da necessidade de viver.*

Questão 717- Que pensar dos que açambarcam os bens da terra para se proporcionarem o supérfluo, em prejuízo dos que não têm sequer o necessário?

*R: Desconhecem a lei de Deus e terão de responder pelas privações que ocasionarem.*

Em um livro lançado do início da década de noventa do século XX, um teórico político norte-americano, Francis Fukuyama, ao verificar a queda do muro de Berlim e a decadência da União Soviética, propôs que a democracia liberal, de

perfil capitalista, representava uma espécie de



estágio máximo alcançado pela humanidade, uma espécie de “fim da história” quanto aos modelos políticos e econômicos que disputaram o século XX.

Várias décadas depois do lançamento da famosa obra, verificamos que nossas democracias liberais, ao invés de patrocinarem maior inclusão das pessoas aos seus benefícios, acabaram por acentuar, ainda mais, as contradições materiais no mundo.

A carência alimentar, o desamparo, a falta de acesso à saúde, à educação, ao saneamento básico, ao teto, as guerras e intervenções estrangeiras na soberania dos países e a destruição perversa do meio ambiente por razões

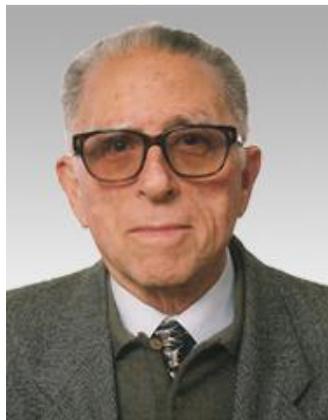
econômicas ainda são uma realidade vivida na pele por milhões em nosso mundo, os quais são os “perdedores” desse sistema capitalista e dessa democracia liberal que quer nos convencer que todos seremos “vencedores”.

Acreditamos, portanto, que a história não acabou e que ainda nos cabe construir modelos políticos, sociais e econômicos, efetivamente democráticos, que realizem, concretamente, na vida social, os princípios da liberdade e da igualdade enaltecidos pela filosofia espírita e por todos os humanistas do mundo. Tememos que se não alcançarmos maiores patamares de democracia real, estaremos nos encaminhando para a barbárie.

# A CONCORDÂNCIA UNIVERSAL NO SÉCULO XXI (1ª PARTE)

David Santamaría Espanha

## Primeira Parte



“A universalidade do ensino dos Espíritos constitui o poder do Espiritismo. Nela também reside a causa de sua rápida propagação.

Enquanto a palavra de um único homem, mesmo que contasse com o

apoio da imprensa, levaria séculos para chegar a todos os ouvidos, acontece que milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os lugares da Terra, proclamando os mesmos princípios e transmitindo-os tanto aos mais ignorantes quanto aos mais sábios, para que ninguém seja excluído. Trata-se de uma vantagem de que nenhuma das doutrinas surgidas até agora desfrutou.” (O Evangelho Segundo o Espiritismo, Introdução II: Autoridade da Doutrina Espírita; Controle Universal do Ensino dos Espíritos).

É uma vantagem, mas que, em mãos inadequadas, poderia se transformar em um sério obstáculo, pois poderia gerar um afastamento do interesse reflexivo dos pesquisadores, fazendo com que se aceitasse, por comodidade, qualquer coisa que viesse do mundo espiritual “superior”. Felizmente, Rivail tinha ideias claras e os pés bem firmes no chão. Foi a partir de 1864, quando Allan Kardec publicou sua Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo (que, em 1866, assumiria seu título definitivo), que ele manifestou essa necessidade urgente da concordância universal no ensino dos Espíritos, especialmente nos temas mais relevantes. No entanto, muito antes disso, no início de seu fecundo trabalho, ele já anotava que:

“As circunstâncias me colocaram em contato com outros médiuns e, sempre que surgia a oportunidade, eu a aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam mais

espinhosas. Assim, mais de dez médiuns colaboraram nesse trabalho. A partir da comparação e fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes corrigidas no silêncio da meditação, elaborei a primeira edição de O Livro dos Espíritos, que viu a luz em 18 de abril de 1857.” (Obras Póstumas, Minha Iniciação no Espiritismo).

Mesmo assim, essa não seria a maneira pela qual Kardec posteriormente fundamentaria o controle do ensino. Vejamos, nessa Introdução ao Evangelho, quais deveriam ser os requisitos adequados para a concordância:

“A única garantia séria em relação ao ensino dos Espíritos está na concordância que deve existir entre as revelações feitas espontaneamente, através de um número significativo de médiuns de diferentes lugares, que não se conheçam entre si. Entende-se que aqui não se trata de comunicações relativas a interesses secundários, mas precisamente àquelas referidas aos princípios da doutrina. A experiência demonstra que, quando um novo princípio deve ser revelado, ele é ensinado espontaneamente em diferentes pontos, ao mesmo tempo e de forma idêntica, se não quanto à forma, ao menos no que diz respeito ao conteúdo.” (os grifos são do original).

O conceito-chave desses dois últimos parágrafos é que esse ensino seja obtido espontaneamente e não em forma de perguntas, como fez — de maneira excelente, certamente — o Prof. Rivail na composição da primeira edição de O Livro dos Espíritos.

Devemos estar cientes de que a situação de Kardec era única. Ele mesmo o expõe nesse mesmo texto (a partir daqui os grifos são nossos):

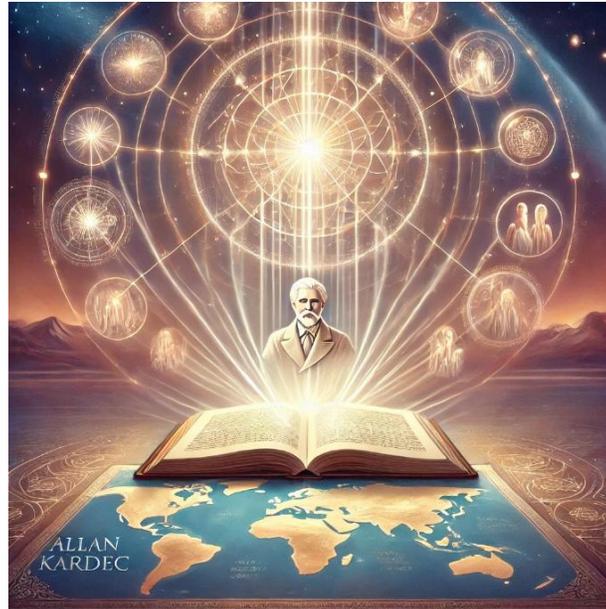
“Na posição em que nos encontramos, dado que recolhemos comunicações de cerca de mil centros espíritas sérios, espalhados pelos mais diversos pontos do globo, estamos em condições

de analisar os princípios nos quais se baseia a concordância. Essa análise nos guiou até hoje e deverá continuar a nos guiar nos novos campos que o espiritismo é chamado a explorar. Assim, por meio do estudo atento das comunicações provenientes de diferentes lugares, tanto da França quanto do exterior, reconhecemos, pela natureza absolutamente especial das revelações, que o espiritismo tende a ingressar em um novo caminho e que chegou o momento de avançar.”

Sem dúvida, impressiona o nível de informação que Allan Kardec recebia desses mil centros espíritas. É muito provável que ninguém, em toda a história do espiritismo, tenha tido acesso a tantas comunicações mediúnicas provenientes de múltiplos médiuns independentes entre si e obtidas em tantos lugares diferentes. No entanto, devemos levar em conta que esses centros estavam, em grande parte, localizados na Europa. Segundo informações que podem ser encontradas em <https://cursoespirita.com/>, esses correspondentes de Kardec estavam especialmente na Europa (222 localidades em 18 países), também nas Américas (23 localidades em 8 países), na África (14 localidades em 5 países, embora a maioria das mensagens viessem da Argélia, colônia francesa) e na Ásia (9 localidades em 6 países). Vemos, portanto, um alto componente eurocêntrico, o que não é de se surpreender na segunda metade do século XIX. Por tudo isso, o critério de concordância ou controle universal tinha uma evidente conotação europeia, embora Kardec não pudesse perceber isso assim; por essa razão, talvez, no momento atual (final do primeiro quarto do século XXI), não devêssemos considerar que, naquela época, se estava realmente obtendo esse controle universal. Para que isso fosse realmente verdadeiro, o “peso” das comunicações recebidas da Ásia, África e América

teria que ser muito maior. Portanto, pode-se dizer que houve um grande consenso nas comunicações espontâneas recebidas naquele tempo, embora sua origem não possa ser considerada universal.

“Tomadas de forma isolada, não teriam nenhum valor para nós; apenas a coincidência lhes confere autoridade. Mais tarde, quando chegar o momento de torná-las públicas, cada um se lembrará de ter obtido instruções no mesmo sentido. Esse movimento geral, que analisamos e estudamos com a assistência de nossos guias espirituais, é o que nos ajuda a determinar se é oportuno ou não realizar alguma coisa. Esse controle universal constitui uma garantia para a unidade futura do espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Dessa forma, buscar-se-á no futuro o critério da verdade.”



Nestes parágrafos, Kardec confia tudo à certeza que daria a opinião coincidente da maioria. Apesar de reconhecermos, sem dúvida, a importância de uma opinião majoritária, não devemos perder de vista que isso nem sempre é o caso. A esse respeito, Josep Casanovas (Presidente e Fundador do Centre Barcelonès de Cultura Espírita) apontava muito acertadamente: “Ainda assim, a concordância de muitos não implica veracidade, pois em questões científicas, filosóficas e morais, 'não vale' a opinião da maioria; em geral, as ideias 'novas' sempre foram inicialmente rejeitadas pela maioria, seja por inércia à 'mudança', seja por interesses criados, seja por ignorância... Assim ocorre, ainda hoje, com o Espiritismo, que não é de 'maiorias'” (nota à pág. 134, no Tratado de Espiritismo, de Jon Aizpúrua).

Por tudo o que foi dito, embora uma concordância de opiniões seja sempre bem-vinda, devemos nos

manter alertas quanto a determinadas abordagens que, embora possam ter sido perfeitamente adequadas em uma determinada época (tempos de Kardec), talvez deixem de ser em outro momento (século XXI, por exemplo). Vejamos um exemplo disso: em várias ocasiões encontram-se na obra kardecista expressões como “Deus castiga”. Essa é uma forma de falar muito ligada ao contexto religioso da época e que espíritas e Espíritos podiam utilizar profusamente, em concordância com essa ideia; no entanto, hoje, em nosso século, essa é uma maneira de falar que soa estranha, já que, se Deus é Amor, entre outros atributos (nos quais todos os espíritas concordamos, de forma realmente concorde), como podemos supor que Ele nos “castigaria”? Por isso, embora muitos tenham utilizado essa maneira de se expressar no passado, hoje ela não seria, não é, nem deveria ser aceitável.

Além disso, é preciso ser extremamente cauteloso com a ideia de que o controle universal possibilitaria a anulação de todas as teorias contraditórias. Se assim fosse, ainda não estaríamos discutindo conceitos claramente errôneos, como os relacionados ao roustainguismo. Por que não houve manifestações massivas do mundo espiritual contra essas ideias extravagantes? Podemos apontar duas razões rápidas:

1. Provavelmente, os kardecistas encarnados somos os que devemos apresentar elementos convincentes contra essas ideias, pois nunca devemos esquecer que temos a obrigação de pensar e raciocinar por nós mesmos sobre a adequação, ou não, de determinados ensinamentos, sem esperar que os Espíritos se manifestem a esse respeito.

2. É importante estar ciente de que o ambiente físico dos médiuns, assim como o meio cultural no qual estão inseridos, também pode influenciar sua produção mediúnica. Isso, desconsiderando aqui qualquer suspeita de ação fraudulenta por parte desses intermediários ou dos Espíritos que se manifestam por meio deles (o que também pode ocorrer, certamente). A esse respeito, recomendamos a leitura do livro de Elias

Moraes, \*O Processo Mediúnico – Possibilidades e Limites na Produção do Conhecimento Espírita\*.

Por tudo isso, é imprescindível, como Kardec expõe claramente nesse mesmo texto, que:

**“O primeiro controle é, sem dúvida, o da razão, à qual é necessário submeter, sem exceção, tudo o que provém dos Espíritos” (desencarnados e, também, encarnados, acrescentaríamos). Não pode ser mais claro.**

Examinemos um último parágrafo:

“Não será à opinião de um homem que os outros se aliarão, mas à voz unânime dos Espíritos. Não será um homem, nem nós nem qualquer outro, que implantará a ortodoxia espírita. Tampouco será um Espírito que virá impor-se a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos que se comunicam em toda a Terra por ordem de Deus. Esse é o caráter essencial da doutrina espírita; essa é sua força, sua autoridade. Deus quis que sua lei se apoiasse em uma base inabalável, por isso não a deu como fundamento à frágil cabeça de um só.”

Apesar da contundência dessas palavras, não é possível, nem seria lógico, negar a extrema relevância da figura de Kardec na formulação da Filosofia Espírita. Portanto, não acho nenhum disparate pensar que Kardec representa essa ortodoxia espírita, devidamente matizada por seu completo convencimento do caráter progressivo e progressista desse conhecimento, e de seu compromisso com os avanços da Ciência. Ou seja, essa “frágil cabeça” estava à altura das circunstâncias e era uma base tão “inabalável” quanto a de seus Espíritos colaboradores.

Evidentemente, não se está questionando a extrema importância da contribuição dos Espíritos que ajudaram de forma determinante nessa formulação filosófica. No entanto, não podemos esquecer as palavras de um dos principais continuadores e discípulos de Kardec, Léon Denis, que afirmava: “O Espiritismo será o que os homens fizerem dele” (\*No Invisível\*, Introdução). Portanto, os espíritas de cada época também têm, também temos, responsabilidade.

Seguiremos com o tema.

# OS DESAFIOS DE SER ESPÍRITA

**Daniel Torres Guatemala**



Vivemos em um mundo em que ainda é necessário consolidar muitos ideais escritos no papel, mas que não se manifestam na consciência individual e social. Vivemos em uma sociedade heterogênea, onde, por um lado, parece haver mais abertura para mudanças e novas ideias, mas por outro, ainda persistem comportamentos que revelam as fraquezas humanas. É nesse ambiente que o espírita tem se desenvolvido, imerso em diferentes cenários políticos, econômicos e educacionais. Surge então a pergunta: com tantas proclamações de abertura e liberdade de que a sociedade moderna se vangloria, o espírita já é aceito ou pelo menos respeitado em sua forma de pensar?

Existem fatos que marcaram a história, e outros que não são contados, sobre as dificuldades pelas quais muitos espíritas passaram por se identificarem como tais: ataques constantes, discriminação, perda de empregos, perseguições e muitas outras coisas, simplesmente por pensar de maneira diferente. Claro que esse pensamento diferente implica despertar consciências, questionar sistemas de exploração e rejeitar qualquer forma de autoritarismo existente, além de gerar uma proposta diferente de viver a espiritualidade, rompendo com o esquema tradicional em que dogma, religião e espiritualidade eram inseparáveis. Mais ainda, o Espiritismo trouxe uma proposta desafiadora: que a ciência e a espiritualidade podem caminhar juntas.

Durante muito tempo tentou-se silenciar o Espiritismo, seja com anátemas, queimando seus livros, denegrindo seus adeptos, chamando-os de

loucos, dizendo que eram seres estranhos com contato com o mal; enfim, uma campanha de descrédito. E com tudo isso, pensava-se que o Espiritismo desapareceria. No entanto, o contrário aconteceu: o Espiritismo permanece vivo, gerando propostas para os novos tempos.

Apesar de vivermos em um ambiente com maior liberdade de expressão do que em décadas passadas (embora não em todos os países), o preconceito e a rejeição ao espírita ainda persistem em muitos lugares. Essa barreira de rejeição será gradualmente reduzida à medida que o Espiritismo seja conhecido em sua real dimensão, e na medida em que o espírita demonstre com suas ações e iniciativas os princípios que defende.

Agora, a relação entre Espiritismo e sociedade é uma coisa, mas o que dizer do espírita laico e livre-pensador em sua relação com os espíritas de outras correntes dentro do próprio movimento?

Em primeiro lugar, precisamos aceitar uma realidade: não existe um único Espiritismo. Por razões históricas, culturais e interpretativas, existem várias correntes, e tristemente, nem sempre há um espírito de tolerância e respeito pelas diferentes formas de pensar, mesmo quando são utilizadas expressões como "amor ao próximo", "benevolência para com os outros", etc. Nesse contexto, lamentavelmente, há aqueles que tentam transferir modelos hegemônicos, estruturas hierarquizadas e sistemas dogmáticos para o Espiritismo, o que é uma completa contradição com seus princípios. No entanto, mesmo que não concordemos, respeitamos a forma de pensar deles. Contudo, essa atitude não é recíproca, pois existem setores dentro do próprio Espiritismo que fecham suas portas aos espíritas que comungam com movimentos espíritas progressistas e livre-pensadores, porque os veem como uma ameaça aos seus próprios interesses. Felizmente, isso não é generalizado; embora lenta e gradualmente, o panorama está mudando, e esperamos que assim seja a curto ou médio prazo.

Começam a surgir aproximações entre diferentes correntes com base em aspectos comuns, e momentos de intercâmbio e colaboração mútua que beneficiam a todos começam a despontar.

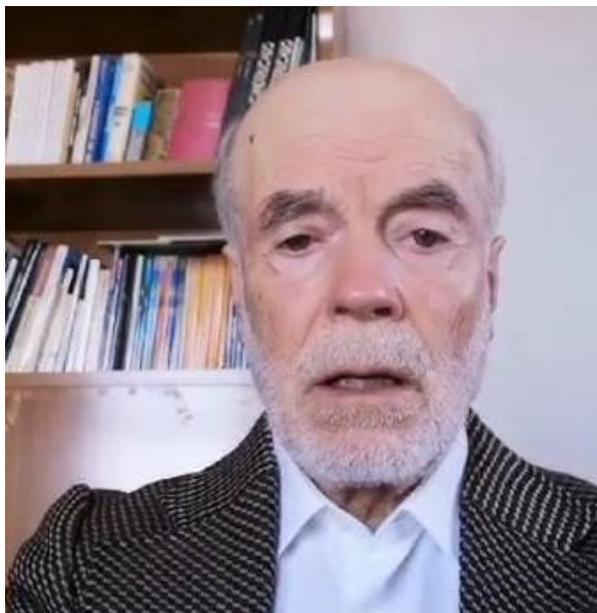
Diante de tudo isso, é meritório reconhecer o esforço de muitos espíritas do passado e do presente, que, em meio às dificuldades pelas quais tiveram que passar, foram capazes de viver o Espiritismo em sua verdadeira essência e demonstrar com sacrifício e dedicação o amor que tinham por essa filosofia. São um grande exemplo a seguir: não se deixaram intimidar pelas circunstâncias, nem se deixaram levar pelo mundo ilusório dos interesses e conveniências. Pelo contrário, mostraram ser possuidores de uma vontade férrea e de grande integridade. O trabalho não foi em

vão; os frutos do esforço realizado começam a aparecer, e é graças ao seu exemplo que continuam sendo uma orientação e inspiração para o espírita de vanguarda.



# VIVEMOS MOMENTOS DE MUDANÇAS

Mauro Barreto



É frequente ouvir que estamos vivendo tempos de mudança, e algumas filosofias, incluindo o espiritismo, falam sobre isso, dizendo que, a cada certo período, passamos por um exame, e se o aprovamos, passamos para o próximo curso (nível, dimensão, mundo).

Também sabemos que, no Universo, a mudança é permanente, ou seja, tudo muda.

## **A mudança se reflete na EVOLUÇÃO.**

A evolução ocorre do mais simples, mais material, até o mais complexo, mais espiritual.

No primeiro nível, desenvolvemos o mais básico; no segundo, temos esse desenvolvimento, mais uma nova qualidade; e no terceiro passo evolutivo, acumulamos as qualidades anteriores e ganhamos uma nova, correspondente ao novo nível.

Começamos sendo uma célula, depois duas, três, até nos tornarmos seres multicelulares.

É como as bonecas russas, as matrioskas, nas quais uma pequena é colocada dentro de uma segunda, estas duas em uma terceira, essas três em uma quarta, e assim por diante até o fim.

Uma simples observação mostra que, no nível pessoal, a vida em cada ser humano é uma mudança constante: crianças, adolescentes, jovens, idosos. Os alimentos se transformam em energia, que sustenta, constrói e repara tecidos, mantendo as mudanças necessárias que todos experimentamos.

Ao observarmos mais, vemos que o tecido superficial é composto por células, as células por moléculas, estas por átomos, e os átomos por quarks, glúons e outras partículas exóticas do âmbito quântico, que passam de virtuais a concretas em nosso universo físico.

É a energia mais sutil que produz as mudanças necessárias para que a “vida” surja.

Essas mudanças ocorrem tanto nos minerais, vegetais, animais quanto nos humanos. Portanto, se a vida é definida pelo movimento - mudança, podemos afirmar que tudo é vida: vida mineral, vegetal e humana.

Recordemos o que dizem os Vedas e o que Léon Denis mencionou no livro \*Problemas do Ser e do Destino\*: “O Ser dorme no mineral, agita-se no vegetal, sonha no animal e desperta no homem.”

Se chamarmos essa energia sutil de Espírito, concluiremos que a vida e as mudanças são produzidas pelo espírito.

Podemos tirar outra conclusão: o sentido de UNIDADE com tudo o que existe.

No Livro dos Espíritos, ao perguntar “O que é Deus?”, a resposta é: “A inteligência suprema e causa primária de todas as coisas.” Se Deus é a causa de todas as coisas, deve haver algum sentido de unidade entre tudo o que existe, como uma “orquestra” para todos os músicos; uma “família” para todos os seus membros; e também uma Unidade para tudo o que vem dessa causa primeira.

Esse sentido de unidade é sustentado pela necessidade de cooperação para alcançar a harmonia.

### Como alcançar esse sentimento de Unidade?

Durante muito tempo, buscamos fora de nós o que percebemos com nossos sentidos físicos e procuramos lá a felicidade e nossa realização, sem alcançá-las.

Atuamos a partir da mente concreta, voltada para as necessidades básicas.

Nesse processo, tentamos ajustar o mundo externo para nos sentirmos bem internamente.

Cuidamos de algo, depois de outra coisa, até que, cansados de tantas experiências, algumas dolorosas, deixamos de focar no externo e voltamos nossa atenção para o interior. Nesse momento, percebemos que os sofrimentos são o resultado de nossos erros, falta de informação e crenças distorcidas.

Esse cansaço nos leva a focar no interior, onde atuamos a partir da mente abstrata, que busca o transcendente.

Então, percebemos que, ao entendermos a origem e o propósito de um problema, enfrentamos seu aprendizado e aprendemos a lição; assim, o problema começa a desaparecer.

Aqui percebemos que viemos com um projeto de vida que não lembramos porque está em nosso subconsciente, e que a vida nos mostra o problema de fora, pela Lei do Espelho – quando vemos uma falha no outro (fora) é porque também a temos dentro de nós. A lei reflete isso no outro, para que possamos trabalhar em nós mesmos, e, quando o fazemos, sentimos uma sensação de libertação.

A solução surge da consciência, do trabalho interior.

Toda mudança interior gera uma mudança exterior.

### O GRANDE MUDANÇA

Mudanças são permanentes e progressivas. Pequenas mudanças formam uma grande transformação.

Esse grande avanço começou ao tomarmos consciência da reencarnação, uma ideia que nos afastou da crença infantil de que nossas dificuldades eram caprichos de um deus externo. Passamos a vê-las como consequências de nossas ações.

Assumimos responsabilidade pela nossa vida. Ao reconhecermos que todos somos UM, nos direcionamos ao respeito por tudo o que existe. Se todos somos um, eu sou você e você é eu; somos UM com o Todo. O místico sufista Al-Hallaj expressou bem: “Eu sou Deus e Deus sou eu, quando deixo de ser

eu.”

Explicando o sentido de Unidade: o corpo humano é um, mas composto por células diferentes. Todas cooperam para que o corpo funcione.

Somos Um com tudo o que existe. Sou a planta (me alimento de frutas e sementes). Sou o ar (não vivo sem ele). Sou a terra (vegetais e hortaliças são essenciais à nossa saúde). Sou o outro (preciso de sua energia, sua alegria e companhia).

Quando partimos do respeito e da cooperação, a convivência se torna harmonia e a fraternidade cresce.

Em paz consigo, a guerra desaparece.

O terceiro aspecto é compreender, como disse De Broglie, que todos somos partículas e ondas. Isso significa que qualquer estado de alteração ou desarmonia que experimentamos



temporariamente, como cada um de nós é um aparelho emissor-receptor de frequências, se todos somos ondas – frequências, isso quer dizer que existe um estado vibratório normal. Quando estou com raiva, estou em uma frequência, e quando estou doente ou deprimido, estou em outra frequência... e essas ondas são modificáveis à vontade (caso contrário, estaríamos sempre no mesmo estado, e não é assim. Em um momento posso sentir raiva, e, pouco depois, paz). Está em nossas mãos, modificando as ondas – frequências, que qualquer desarmonia, doença ou estado emocional retorne à normalidade.

Isso tem uma importância fundamental, pois é uma visão nova da existência. O dano não vem de fora; é o resultado da gestão da minha vida.

Já existem médicos que asseguram que a medicina do futuro será a medicina das ondas, das frequências.

Uma observação: ao mencionar a medicina das frequências, não nos referimos à ideia do transumanismo, que considera o homem apenas como um ser material, afirmando que no futuro chegaremos a ser, através do uso da tecnologia, biotecnologia, nanotecnologia, órgãos híbridos, implantes, chips subcutâneos e medicamentos para controlar as emoções, seres

superinteligentes, felizes e eternos (longevos, até 500 anos). Do ponto de vista da espiritualidade, essa é uma filosofia absurda e sem sentido.

O transumanismo vê o ser humano apenas como um ente físico, sem nenhuma transcendência, destinado a viver entretido e controlado, sem liberdade, como Aldous Huxley nos mostrou em “Admirável Mundo Novo” e George Orwell em seu romance “1984”.

Para finalizar, é importante saber que cada ser é um emissor e receptor de ondas e que temos uma frequência média determinada, e que, quando essa frequência muda e se mantém alterada, isso gera alterações de saúde, doenças e desajustes em geral. Contudo, como podemos modificar esse estado vibratório, temos a capacidade de voltar à normalidade. Somos os responsáveis pelo que nos acontece.

Essa nova visão nos abre um vasto mundo de possibilidades para nossa transformação, cura, desenvolvimento e evolução.

O que foi dito é apenas teoria até que você sinta e experimente. Quando você colocar isso em prática, serão os próprios resultados que falarão de seu valor.

# EDUCAÇÃO PARA A MORTE, UM PROCESSO EDUCACIONAL PARA A REALIDADE DA VIDA

*Mercedes García Espanha*

Na tarefa educativa, consideramos de extrema



importância refletir sobre a educação para a morte a partir da imortalidade da alma.

A compreensão de que a morte é apenas o fim de uma experiência material e o retorno à vida livre do

espírito aponta para a necessidade de que o ser humano seja educado não apenas para esta vida atual, mas também se prepare para existências futuras, através do aperfeiçoamento intelectual e moral, em uma alternância evolutiva entre o mundo material e o espiritual, dentro de um longo processo Educacional Evolutivo.

Uma das grandes questões que sempre preocupou os seres humanos é o problema da morte. A grande maioria a concebe como o fim da vida para sempre e sente medo do destino que os espera após a mesma. Essa ideia equivocada se deve à crença em diferentes dogmas religiosos e à falta de conhecimento científico-filosófico e metafísico que permita conhecer esses processos dialéticos que regem a vida e a morte em seu conjunto.

A morte faz parte do processo natural que rege o movimento evolutivo do Universo. Tudo nasce e "morre", nascemos para morrer: Nascer, morrer e renascer, essa é a vida!

Todo o Universo material é composto por átomos. Estes, em virtude das leis químico-físicas e metafísicas, se fundem com outros átomos para formar moléculas, constituindo a base mínima das substâncias, órgãos e corpos.

Estruturada dessa forma, a Matéria passa por um processo químico-natural de degeneração, determinado pelo incessante movimento universal,

bem como pela ação do tempo e dos elementos; originando uma perda lenta, constante e progressiva de energia de seus átomos que vai enfraquecendo a força de coesão, produzindo o que chamamos de envelhecimento e morte. Quando ocorre a separação definitiva dos átomos enfraquecidos, eles se dispersam pelo Universo para reciclar energia e formar novas moléculas e novos corpos para a continuidade da vida. Esse seria o processo natural da vida e da morte: uma redistribuição de matéria e energia.

Os antigos filósofos gregos, que conheciam perfeitamente esse processo natural, especialmente Anaxágoras, Leucipo e Demócrito, teóricos da doutrina atômica, o denominaram de Geração e Corrupção.

Conseqüentemente, diante desse processo natural, percebemos que a chamada morte não é mais do que um momento necessário dentro do processo dialético que move o Universo, o qual está em constante transformação: Tudo se transforma em seu contrário!

Assim, a morte constitui um momento necessário dentro de nossa vida espiritual. Cada existência que experimentamos representa uma acumulação de experiências e conhecimentos que, em última instância, vão determinar nosso potencial de conhecimento e moral, permitindo-nos alcançar a liberdade e a conseqüente felicidade.

Com a aquisição de um conhecimento "elementar", o ser humano pode entender e erradicar o medo da morte, e aceitá-la como um processo natural e necessário para a vida do espírito. A vida é eterna e contínua. Necessariamente temos que morrer e renascer, essa é a lei da vida universal. Indefectivelmente, devemos adquirir uma Cultura da Morte para poder manter um estado psicológico equilibrado, que se traduzirá em uma tranquilidade material e espiritual, que os gregos chamaram de Ataraxia.

O fenômeno biológico da morte, desde o surgimento da humanidade na Terra, foi observado em algumas culturas como a continuidade da vida, estando estreitamente relacionado com as crenças religiosas sobre a natureza da morte e a existência de uma vida após ela; em outras culturas, é vista como a negação absoluta, especialmente na cultura ocidental, onde as religiões influenciaram notavelmente seus adeptos, criando um céu ou um inferno, onde estariam irremediavelmente destinados até o fim dos tempos.

Em 1857, com a publicação de “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec estabelece a base doutrinária de uma filosofia espiritualista: o Espiritismo, interpretando a vida, “a morte”, o mundo e o ser humano de forma bastante acertada. Ele nos esclarece sobre nossa origem e nosso destino, proporcionando respostas sobre o porquê e para quê estamos no planeta, sem recorrer a questões sobrenaturais, dogmas ou fideísmos, de forma razoável.

Para a cultura Espírita, a morte não existe; somos espíritos imortais e apenas mudamos de plano quando deixamos a vida física, retornando à vida espiritual. Para o Espiritismo, não há céu nem inferno, apenas estados de consciência.



A Terra não é o ponto final, mas sim uma escola para aprendizado e aquisição de conhecimento, visando ao aperfeiçoamento do espírito.

Segundo o conceito espírita, o fenômeno chamado equivocadamente de morte é, na verdade, uma transformação e não uma aniquilação, daí o termo desencarnação, do léxico espírita, que se adequa fielmente ao fato.

Diante de tudo isso, consideramos que a Educação para a Morte deveria ser implementada nos centros educacionais de todos os níveis, não como uma matéria independente, mas vinculada a todas as disciplinas dos cursos, insistindo no estudo dos problemas existenciais, contribuindo para o despertar das consciências por meio de dados científicos positivos, para uma compreensão mais clara e racional dos problemas da vida e da morte. Todo o esforço deve concentrar-se na orientação ética da vida humana, para que todos os cidadãos possam usufruir de seus direitos com liberdade e igualdade.

A Educação para a Morte não é nenhuma forma de preparação religiosa para conquistar o Céu. É um processo educacional que visa ajustar os educandos para a realidade da Vida, que não consiste apenas em viver, mas também em existir e transcender.

# O MAR DO DESCONCERTO

Nelly Urruzola, Uruguai

*“O sábio não diz tudo o que pensa, mas sempre pensa tudo o que diz”. – Aristóteles*



A afirmação de que o ser humano é um ser político por excelência provém da filosofia grega antiga, especificamente de Aristóteles em sua obra "Política". Esta é uma ideia que devemos entender.

Aristóteles fundamenta essa

afirmação ao dizer que a política serve principalmente para que o governo promova e fomente as virtudes, com o objetivo de conduzir os cidadãos a uma boa vida. Estimulando a virtude de que os cidadãos vivam juntos sob leis comuns e assim contribuam para a sociedade.

Aristóteles sustenta que os humanos são animais políticos (zōon politikón) porque possuem a capacidade única de viver em sociedade e participar da vida política.

Consideremos que a política é uma atividade natural para os seres humanos, já que precisamos conviver para alcançar a plenitude de nossas capacidades. Não estamos fazendo nada mais do que ratificar os conceitos espíritas da Lei de Sociedade; o homem não evolui em solidão.

Nossa natureza social confirma essa ideia, com base no conceito de que os seres humanos, sozinhos, não podem alcançar seu pleno potencial. Precisamos interagir com os outros, formar comunidades e nos organizar politicamente para satisfazer nossas necessidades.

Encontramos na política uma forma de expressão comum, que não se limita ao governo ou ao exercício do poder, mas abrange todas as atividades necessárias para gerir a vida em sociedade, desde a educação até a justiça, passando pela economia e a cultura.

Isso tem sido ao longo da história tema de debate, de diversas interpretações, críticas e profundas reflexões.

Na filosofia contemporânea, pensadores como Hannah Arendt exploraram como a política não só implica a organização do poder, mas também a capacidade dos indivíduos de agirem em conjunto e assumirem a responsabilidade por suas ações públicas. Ela considera que "a pluralidade é a condição humana, pois todos somos iguais, ou seja, humanos e, portanto, ninguém é igual a qualquer outro que tenha vivido, viva ou viverá". A liberdade, a ação e o poder, como reflexões filosóficas, situam Arendt nas antípodas do totalitarismo.

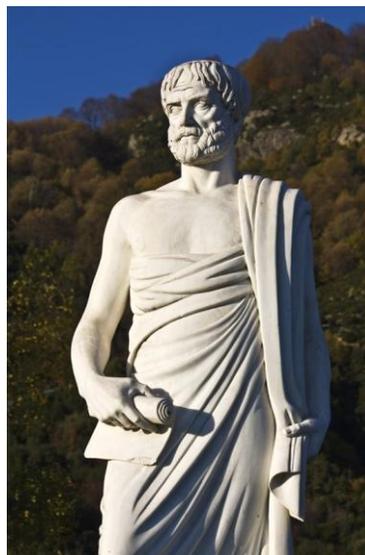
Concordo que alguns indivíduos executam procedimentos burocráticos porque são incapazes de pensar.

Mas, existe a "incapacidade de pensar"? É óbvio que, como espíritas, isso é um absurdo. O "ser", o espírito imortal, é quem possui a aptidão do pensamento, que, através da mente, se expressa em ação, exceto naqueles seres que, biologicamente, carregam patologias que os limitam.

Em nosso cotidiano, a noção de que o ser humano é um ser político

por excelência tem implicações significativas para a democracia e a participação cívica na sociedade.

Em resumo, a ideia de que os humanos somos seres políticos por excelência destaca a natureza social e



comunitária da nossa espécie, enfatizando nossa capacidade única de viver juntos, cooperar e deliberar sobre como nos organizamos e nos governamos coletivamente.

Hoje devemos nos perguntar se esse ser contemporâneo é muito diferente do ser primitivo. Segundo Rousseau, nossas características são mais ou menos estas: "é um homem histórico, um homem que perdeu a bondade original. É um ser vil, egoísta, depravado, cheio de ódio. É um ser degenerado. Mas esse homem histórico não pode mostrar publicamente sua degeneração: ele deve mascarar, ocultar sua vileza, seu egoísmo e suas paixões. Por isso, adota um comportamento social: a cortesia, a retórica, a técnica das aparências, tudo aquilo com que as ciências e as artes se preocupam, tudo o que usamos para mascarar nossos medos, ódios, traições, tudo isso que adotamos para esconder nossa maldade é a educação".

Não poderia estar mais longe das conclusões deste grande pensador. Mas, emulando seu pensamento, devo dizer que adotamos uma máscara odiosa. Tão odiosa que esconde nossa capacidade evolutiva, impede nosso reconhecimento e impossibilita nossa regeneração. E tudo isso tem sua origem na idealização do estado e em sua natureza de riqueza e poder. Assistimos atônitos à eloquência de grandes ignorantes que alcançaram o feito de prometer paz através da violência, criando um espiral que parece infinito.

A relação entre filosofia e política é profunda e complexa, pois ambas as áreas do pensamento humano estão estreitamente entrelaçadas. Esta vertente da filosofia trata especificamente de questões relacionadas ao poder, à autoridade, ao governo, à justiça, aos direitos individuais e coletivos, entre outros temas. Os filósofos políticos exploraram essas questões desde a antiguidade até os dias atuais, oferecendo teorias e conceitos que

influenciaram o pensamento político e sua prática ao longo da história.

Como já citamos, as ideias filosóficas subjazem à justificação e à crítica das estruturas políticas; conceitos como a justiça de Platão, o contrato social de Rousseau ou a ideia de direitos naturais de Locke moldaram nossas concepções modernas de como a sociedade deve ser organizada e quais direitos devem ser protegidos.

Falemos de ética, outra vertente da filosofia, que também deveria influenciar a política, fornecendo princípios morais sobre o que é certo ou errado na conduta política e nas decisões do poder. Os debates éticos na política deveriam abranger desde questões de justiça distributiva até a moralidade das ações dos líderes políticos.

A filosofia também é utilizada para criticar e refletir sobre o exercício do poder, os sistemas políticos existentes e as injustiças sociais. Diferentes filósofos analisaram as dinâmicas de poder, a opressão e as formas como o controle político é exercido. As teorias filosóficas não são apenas abstratas; elas também têm implicações práticas na política real. Os políticos, os líderes e os cidadãos frequentemente recorrem a conceitos filosóficos para justificar políticas, argumentar em debates

públicos e tomar decisões informadas.

A filosofia e a política estão interconectadas na medida em que a filosofia fornece o quadro conceitual e normativo dentro do qual são debatidas e tomadas decisões

políticas. Ao mesmo tempo, os problemas políticos do mundo real frequentemente impulsionam novos debates filosóficos sobre como as sociedades devem ser organizadas e governadas.



Aqui surge o conceito de "arte da política", ao qual nos referimos quando falamos deste tema, às habilidades de negociação ou diplomacia que são fundamentais para gerar acordos e compromissos que beneficiem a sociedade.

A política implica habilidades como negociação e diplomacia, que são fundamentais para alcançar acordos e compromissos que beneficiem diferentes grupos e interesses dentro da sociedade. Admiramos a visão estratégica dos políticos que consideramos "bem-sucedidos" porque têm clareza sobre como alcançar seus objetivos a longo prazo.

Tomei o tempo de analisar, segundo meu critério, diferentes aspectos sociopolíticos, filosóficos, atuais e cotidianos. Pelo simples motivo de que estudar o espiritismo me compromete comigo e com os outros.

Navego no mar da perplexidade quando ouço pessoas que, sob a bandeira do espiritismo, estão presas a um fanatismo político ou religioso que afunda no profundo abismo do oceano qualquer tentativa de racionalidade.



Afirmo que estamos em um tempo crucial, diante de um paradigma imenso que ainda não sabemos comunicar, amarrados e cegos, sem capacidade de persuadir, inspirar confiança ou mobilizar a humanidade. Somos papagaios gagos que repetem o que outros transmitiram, sem analisar ou compreender.

Vivemos em um ambiente político com conflitos que são inevitáveis. A habilidade de gerenciá-los de maneira construtiva e buscar soluções viáveis é essencial, e cabe a nós, os espíritas, pelo menos nos aproximarmos das profundas palavras de Flammarion diante do túmulo de Allan Kardec; poderemos compreender o que ele disse ao expressar que Kardec era "o bom senso encarnado" ou estamos dispostos a usar essa frase como ferramenta de marketing.

Temos a responsabilidade de sermos íntegros, responsáveis, probos, levando em consideração o bem comum e as consequências de nossas ações a longo prazo. Nossas decisões de hoje não estarão isentas de consequências.

O espiritismo deve ser adaptável e resiliente, pois precisará se erguer, adaptando-se a novas circunstâncias e imensos desafios.

Chegou a hora de sermos identificados como servidores públicos, trabalhadores para o bem-estar da sociedade como um todo, priorizando o bem do próximo em sua pureza ancestral, acima dos interesses pessoais, partidários ou religiosos.

Trabalhem em nossas melhorias e habilidades mais complexas: para negociar, comunicar e conviver; façamos uma comunicação eficaz e sejamos éticos e responsáveis. Pragmatismo na compreensão profunda dos valores sociais e éticos da humanidade, que a emoção nos transborde e a razão nos equilibre.

Tomemos como exemplo Léon Denis. Em termos de seu pensamento político, ele não se focou na política convencional, mas sim em como as ideias espirituais e éticas poderiam influenciar a sociedade e o indivíduo. Ele acreditava que o espiritismo tinha o potencial de transformar positivamente a sociedade humana, promovendo valores como fraternidade, solidariedade e compreensão entre as pessoas. Nesse sentido, seu foco não era político em termos partidários, mas mais social e ético.

Denis defendia uma ética baseada em princípios espirituais, que incluía o respeito pela dignidade humana, a busca pela verdade e o progresso moral.

Um dos temas recorrentes em seus escritos era a busca pela paz e pela harmonia, tanto a nível pessoal quanto global. Ele acreditava que o espiritismo poderia ajudar a superar as divisões entre as pessoas e as nações, promovendo um mundo mais justo e equitativo.

Os extremos fanáticos de esquerda e direita política representam posições ideológicas muito radicais e frequentemente inflexíveis. Neste século, onde pretendemos transcender as ideias impostas e reafirmar o espírito, já não há lugar para extremistas. O espírita deve ser um agente de paz e equilíbrio.

Muitos indivíduos que praticam o espiritismo podem levar sua crença espiritual para sua vida pública, e isso pode influenciar decisões políticas, sua visão do bem comum e a forma como abordam questões éticas e morais.

Em alguns casos, as práticas espirituais, incluindo o espiritismo, podem influenciar as políticas públicas. Historicamente, o espiritismo esteve ligado a movimentos sociais que buscavam mudanças políticas e sociais. Por exemplo, no século XIX, o espiritismo foi adotado por alguns abolicionistas como uma forma de apoiar a luta contra a escravidão, argumentando que todos os seres humanos, inclusive os escravizados, tinham almas que mereciam respeito e liberdade.

O espiritismo, assim como outras crenças espirituais, pode influenciar a ética pessoal dos

indivíduos que participam da política. Pode afetar como percebem o dever moral, a justiça social e o bem-estar comum.

Isso implica que, em teoria, as decisões políticas devem basear-se em princípios seculares e não ser influenciadas por crenças religiosas ou espirituais. No entanto, na prática, os valores pessoais e espirituais dos líderes políticos podem influenciar suas decisões.

Em resumo, a relação entre política e espiritismo é complexa e multifacetada. Pode influenciar tanto as decisões individuais dos políticos quanto as políticas públicas mais amplas, dependendo do contexto cultural, social e legal em que se desenvolve.

***Rompa as correntes do seu pensamento e você também romperá as do seu corpo.”***

***“O céu não é um lugar nem um momento. O céu é ser perfeito.”***

***“A única lei é aquela que guia para a liberdade.”***

***Juan Salvador Gaviota***

# MORRER NÃO DÓI, E VIVER EM HARMONIA TAMBÉM NÃO

Jose E. Arroyo

Porto Rico

espiritismoenpr@gmail.com

Sou grato por ter a sorte de conhecer muitas pessoas. Ao observar, percebo que compartilho esta



vida com indivíduos que, às vezes, são diametralmente opostos ao que consideramos um valor ou uma virtude.

Convivo com pessoas que expressam diferentes identidades de gênero, orientações sexuais, origens culturais, classes socioeconômicas, realidades familiares, idiomas, países e costumes. Nesse grande acervo de pessoas queridas ou, pelo menos, estimadas, estou cercado de ateus e místicos; de homofóbicos e de defensores dos direitos das pessoas não binárias ou não cisgênero; de cientistas e analfabetos; de líderes políticos e artesãos; de acadêmicos e professoras; de pessoas extremamente inteligentes, porém pouco empáticas ou arrogantes, até as mais simples intelectualmente, mas sempre dispostas a servir e a solidarizar-se com outras. Desfruto o privilégio de observar a grandiosa mistura que compõe a humanidade no meu pequeno círculo de aprendizado.

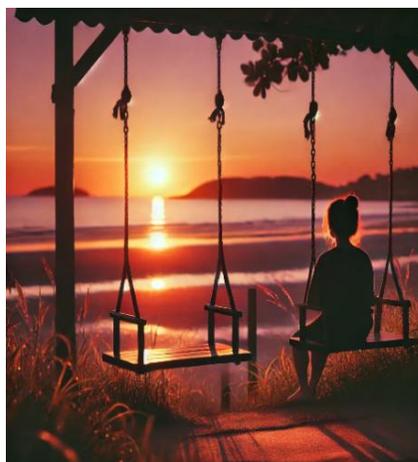
O que motiva esse inventário mental de lembranças, nomes e imagens que evoquei? Às vezes, perguntas, atitudes ou comentários que parecem ser aparentemente simples trazem, quando detectados, grandes oportunidades de pensar, refletir e escrever para crescer.

## A boa vida é apenas viver confortavelmente?

Aprendo muitas coisas das pessoas e, como espírita, também tenho a sorte de encontrar espaços mediúnicos para o aprendizado, o estudo e

a reflexão. Afinal, os Espíritos também fazem parte dessas pessoas que mencionei anteriormente.

Se há algo que aprendemos constantemente no intercâmbio mediúnico, na experiência do diálogo com os desencarnados e ouvindo atentamente, é que é muito fácil nos distrairmos na vida e nos desviarmos do caminho do progresso. Os apetites pessoais, que podem estar escondidos atrás do título universitário, da posição de poder ou de importância, do acesso ao dinheiro e ao conforto, podem ser um grande desafio. Da mesma forma, não perceber que nossos vícios — tabagismo, alcoolismo, dependência de narcóticos, estupefacientes, procedimentos cirúrgicos de correção, comida, desconexão social, isolamento e a busca de falar demais sobre nós mesmos, procurando o reconhecimento alheio — refletem traumas desta ou de outras vidas, carências e necessidades afetivas, e inseguranças profundas que raramente encaramos de maneira fria e objetiva. O autoconhecimento e, por sua vez, a autoaceitação não fazem parte das conversas cotidianas nem são socialmente aceitos.



Pensamos, então, que “viver bem” é o que acontece quando temos o estômago cheio, o sexo satisfeito, a conta bancária no positivo, o trabalho

garantido e não sabemos o que é carecer de algo. Enfim, compramos o que nos foi vendido, porque continuam nos vendendo o que compramos: o hedonismo. Essa saciedade bruta, automática e

vazia que tanta depressão estimula e que gera tanto sofrimento.

Em tudo isso, saciar os sentidos e ficar anestesiados com a fatura do que não podemos processar, não traz felicidade, embora nos jurem que sim, e, para piorar, ensinamos isso às gerações futuras, entre as quais estaremos por necessidade de retificação.

Então, quando se aproxima a conversa incômoda; quando chega o momento de encarar o evitado; quando é preciso enfrentar o tabu que, para alguns, é falar sobre a morte, a reação da maioria é de medo, pânico, frieza e evitação. Pois claro! Afinal, esse é o “fim” que não permite continuar repetindo o ciclo de excessos e inconsciência.

No entanto, mesmo que não falemos ou não gostemos do assunto, absolutamente todos nós enfrentaremos o falecimento de nossos entes queridos e teremos que reconhecer nossa própria fragilidade física diante do processo que chamamos “morte”.

### **A morte vai me causar dor?**

Ao revisar Kardec e tudo o que ele escreveu a respeito, vemos que os Espíritos sugeriram uma maneira diferente de encarar o tema da morte. Pareceria simples e fácil, porque é uma questão de postura, não de semântica. Em vez de pensar no fim, que tal vê-lo como um começo? Em vez de olhar para isso como indivíduos finitos, o que acontece se nos observarmos como seres infinitos? Os Espíritos nos dizem que o que parece medo da morte é, na realidade, medo da dor; terror ante o sofrimento; o orgulho ferido em uma situação que parece nos tirar a dignidade. Mas, novamente, insistem, tudo isso não ficará para trás se nossa vida, nossa alegria, nossa vontade de viver continuarem? Sim, definitivamente sim!

Então, o que nos falta é viver a vida como Espíritos, não como pedaços de carne que pensam, e sim como luminosos e concretos efeitos do amor divino, que é o que somos. Que isso não nos paralise, nem nos surpreenda

Não somos nosso sistema nervoso, nem somos nosso corpo; somos Espíritos. As dores do corpo e suas necessidades não são as nossas; os desconfortos do corpo e suas exigências não são os

nossos. Se nos identificamos mais com uma vida altruísta, nobre, amorosa, cheia de sentimentos e ações positivas, estamos constantemente vibrando como o que somos, como Espíritos. Tudo o que nos eleva, acima das necessidades do corpo ou até de suas limitações, torna-se um degrau que nos soma como Espíritos.

Claro, isso não significa que devemos “mortificar e castigar o corpo” para nos elevarmos. Essa é uma lição tardia que devotos, místicos e religiosos ainda têm para aprender. Mas gerar uma compreensão cognitivamente e emocionalmente coerente de que somos Espíritos nesta irrepitível e importante vida física nos ajuda a nos identificar com a Essência do que somos. Inegavelmente, quando caminhamos nessa direção, a morte não assusta, não intimida e, muito menos, causa dor. Embora a morte não cause dor, como vimos desde “O Livro dos Espíritos”, questão 154, até as conversas mais recentes com os Espíritos, é importante nos prepararmos para ela. Kardec nos convida a viver uma vida virtuosa e a cultivar o amor ao próximo. Pensar, falar, agir e nos comportar corretamente não são apenas os caminhos de uma teórica ascensão espiritual, mas a garantia de uma vida mais feliz, saudável e satisfatória.

Nos comportar dessa maneira nos ajuda a ficar mais tranquilos e seguros ao enfrentar a transição para o mundo espiritual. Preparar-se para a morte não significa se obcecar com ela, mas viver cada momento com plenitude e consciência. Não se trata de quanto tempo me resta de vida, que, estatisticamente falando, é muito, muito pouco; mas sim de quanto, qualitativamente falando, posso alcançar vivendo em harmonia.

Ao compreender que a morte é parte natural da vida, podemos enfrentar a perda de nossos entes queridos com mais serenidade e esperança, assim como pensar na própria morte com estoicismo e otimismo. Se há algo valioso, entre as inúmeras coisas, que o Espiritismo e o que aprendemos com Kardec têm nos oferecer, é que a comunicação com os Espíritos nos ajuda a compreender melhor a vida e a morte, e a encontrar o significado de nossa existência.

## A morte para o espírita



A morte é apresentada na Doutrina Espírita não como um final doloroso, mas como uma transição natural e libertadora.

Desde a perspectiva espírita, a morte não é o fim da existência, mas uma etapa nas diferentes jornadas do Espírito.

Que fique claro, não estamos romantizando a morte, mas, muito pelo contrário, estamos tratando isso como um assunto sério e grave. É algo que absolutamente toda pessoa irá experimentar, e poucas são as coisas nesta vida que podem ser garantidas a um ser humano como certas experiências que todos terão.

A separação do corpo e do Espírito pode ser um processo gradual, especialmente em casos de doenças prolongadas. Muitas pessoas ficam com uma impressão desagradável dos processos de agonia ou de morte de um familiar ou amigo. Ficam traumatizadas com a imagem das expressões difíceis, das testas franzidas, da respiração ofegante, do desconforto constante, das dores físicas ou até das expressões de tensão. E sim, isso pode estar presente no processo de desencarnação dos indivíduos; mas tudo isso responde às exigências do corpo, aos espasmos musculares, ao sistema nervoso dando seus últimos impulsos elétricos, mas nada disso corresponde ao Espírito.

### As Experiências de Quase-Morte

Em contraste com essas cenas descritas anteriormente, existem os relatos das experiências de quase-morte (EQM), que foram objeto de estudo e pesquisa. Milhares de testemunhos de pessoas que estiveram clinicamente mortas e voltaram à vida relatam sensações de paz, amor e uma profunda

compreensão da existência. Essas experiências são consistentes com o que Kardec explorou e confirmado pela pesquisa mediúnica.

O Espírito, ao se desprender do corpo, experimenta uma sensação de libertação e bem-estar. Em seu livro "O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo", Kardec menciona que "...naqueles que têm a consciência limpa, porque desde a vida corporal se identificaram com a vida espiritual e se desligaram dos objetos materiais, a separação é rápida e sem comoções, o despertar é sereno e a perturbação é quase nula". Isso implica que o estado do Espírito no momento da morte influencia sua experiência, reforçando a ideia de que morrer não dói, mas pode ser um momento de grande paz, especialmente quando se viveu uma vida harmoniosa.

Se você ainda não leu o livro "O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo", encorajo você a lê-lo, mas sem a análise anacrônica que está tão na moda hoje em dia, compreendendo que há termos em desuso e outros cuja compreensão foi aprimorada, aplicando uma perspectiva atualizada, laica e livre-pensadora.



Encerramos este artigo com uma citação do Capítulo 2 do livro mencionado, que contém um breve e interessante segmento intitulado "Por que os espíritos não temem a morte":

"... Por essa razão, os espíritos enfrentam a morte com calma e se mostram serenos em seus últimos momentos na Terra. Já não são consolados apenas pela esperança, mas pela certeza. Sabem que a vida futura é apenas a continuação da vida presente, embora em melhores condições, e a aguardam com a mesma confiança com que aguardam o nascer do Sol após uma noite tempestuosa..."

Então, lembre-se, morrer não dói e viver em harmonia também não. Viva feliz, viva em paz e viva plenamente.

# DEUS, ESPÍRITO E MATÉRIA - REFORMULAÇÃO ESPÍRITA

*Mauro Spinola, Brasil*

## Sinopse



Mauro de Mesquita Spínola

Este estudo é uma contribuição para a reformulação dos aspectos fundamentais do espiritismo, com ênfase nos temas de Deus, espírito e matéria. Em cada um dos subtemas, parte-se da base kardecista: analisa-se a contribuição de Allan Kardec e, a partir daí, obtêm-se os elementos essenciais para o debate livre-pensador. São investigados outros autores de referência. A partir do conjunto de contribuições, busca-se identificar alguns aspectos centrais que merecem ser estudados e desenvolvidos. Em relação ao tema de Deus, procura-se superar a visão cristã tradicional, a partir do conceito de inteligência suprema, causa primeira do Universo. Por sua vez, os conceitos de espírito e matéria necessitam de uma abordagem renovada em função do imenso desenvolvimento da física nos séculos XX e XXI, o que permite, hoje em dia, uma melhor compreensão dos elementos gerais do Universo.

## **1 - Por uma reformulação de Deus e dos elementos gerais do**

### **Universo**

Há progresso em tudo o que diz respeito ao conhecimento, e assim Kardec desejou que ocorresse com o espiritismo, a ponto de ter proposto o estabelecimento de uma comissão central para gerir o conteúdo espírita e a adoção de novas noções. Diante das diversas visões do espiritismo que se apresentam à sociedade moderna, torna-se necessário o debate contínuo de seus temas fundamentais e de sua natureza, em uma abordagem livre-pensadora [6].

O presente estudo é uma contribuição para a reformulação dos aspectos fundamentais do espiritismo, com ênfase no tema de Deus, espírito e matéria.

Em cada um dos subtemas parte-se da base kardecista: analisa-se a contribuição de Kardec e, a partir daí, obtêm-se os elementos essenciais para o debate livre-pensador. Outros autores de referência também são investigados. A partir do conjunto de contribuições, busca-se identificar alguns aspectos centrais que merecem ser estudados e desenvolvidos.

Deus é o primeiro subtema. Definido na primeira pergunta de "O Livro dos Espíritos" como "inteligência suprema, causa primária de todas as coisas", Deus é tratado na obra de Kardec com uma forte influência religiosa. O princípio é substituído em muitos pontos por um Deus humanizado, que castiga e pune. Essa contradição está presente no próprio livro básico, bem como nos demais. Os estudos posteriores de Camille Flammarion, ainda que mostrem tal influência, buscam retornar ao conceito proposto na pergunta 1 de "O Livro dos Espíritos". Outros autores também contribuíram para a formulação livre do conceito de Deus.

Por sua vez, os conceitos de espírito e matéria merecem uma abordagem renovada em função do imenso desenvolvimento da física nos séculos XX e XXI, o que permite hoje compreender melhor os elementos gerais do Universo.

### **2 - Deus**

1. O que é Deus? Deus é a inteligência suprema, a causa primeira de todas as coisas.

Para as religiões, Deus é uma certeza, e o ser humano que duvida de sua existência coloca sua própria fé e salvação em risco.

Sempre foi também um tema da filosofia, embora neste campo seja objeto de especulação: certeza, dúvida e negação são vias possíveis, intensamente exploradas por muitos pensadores.

## **2.1 Deus na Filosofia**

Dora Incontri e Alessandro Bigheto destacam que, para muitos filósofos, é essencial pensar em Deus.

“Aceitar ou não a existência de Deus tem consequências filosóficas distintas. (...) Isso porque a resposta à pergunta sobre a existência ou não de Deus afeta como agimos, como nos percebemos, o significado e a importância que damos à vida, o que esperamos do futuro. Para os que aceitam Deus, a vida só faz sentido com Sua existência. Se Deus existe, a vida pode ter um sentido de transcendência, que vai além do aqui e agora, pode haver uma providência por trás das coisas, e talvez a morte não seja o fim de tudo... Para aqueles que não aceitam a existência de Deus, a vida deve ter outros significados, voltados mais para a imanência, para o aqui e agora, para um sentido histórico, ou talvez não tenha significado algum.”

Os autores consideram praticamente inviável filosofar sem se posicionar em relação a Deus: afirmar, negar ou dizer que nada podemos afirmar sobre Ele. Eles também indicam que a ideia de Deus na Filosofia está fortemente ligada à razão, caminho que também foi seguido por Allan Kardec. Para muitos pensadores, buscar, demonstrar e compreender Deus passa pela razão. Platão e Aristóteles propuseram entender a divindade de maneira racional, assim como Descartes e Espinosa.

Muitos filósofos negam a existência de Deus. O ateísmo remonta à antiguidade, embora tenha ganhado mais consistência nos últimos três séculos. O filósofo alemão Ludwig Feuerbach, que deu grande força teórica a essa postura, pode ser considerado o pai do ateísmo moderno. Outros filósofos, como Augusto Comte, Karl Marx, Friedrich Engels, Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud, Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger, postularam de várias maneiras que a ideia de Deus é ilusória.

A crítica à ideia de Deus frequentemente permeia análises rigorosas contra as religiões, os fundamentos religiosos, a alienação que produzem e os diversos interesses que muitas vezes ocultam. Richard Dawkins, um dos ateus mais influentes da atualidade, classifica Deus como um “delírio” e tenta demonstrar a incoerência da tese da existência e onisciência de Deus.

## **2.2 Deus na obra de Kardec**

A primeira pergunta de \*O Livro dos Espíritos\*, de Allan Kardec, geralmente diferenciada pelo uso da linguagem adotada nas religiões (“o que é Deus” em vez de “quem é Deus”) abriu caminho para a reformulação de Deus em uma base inovadora (desvinculada das crenças nos deuses humanizados das igrejas) e, por outro lado, afastou o espiritismo do ateísmo e do materialismo.

Kardec considerava o tema de Deus essencial para o espiritismo, tratando dele em praticamente toda sua



obra.

A análise de seus textos mostra que, como pano de fundo, ele identificou Deus filosoficamente com a inteligência suprema do Universo. Seu significado e existência nos permitem fazer uma abordagem espírita inovadora de Deus.

Para Kardec, Deus existe, e ele defendeu essa tese com todos os recursos da lógica e da razão. A certeza da existência de Deus é dada, segundo sua análise, pelo axioma de que não há efeito sem causa, utilizado tanto na ciência quanto em sua obra. Kardec aplicou esse axioma especialmente no estudo dos fenômenos mediúnicos, concluindo que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente.

Ele demonstrou que o ser humano não pode conhecer a natureza íntima de Deus, pois lhe falta sentido comum, que só é adquirido com a purificação do espírito. No entanto, ele apresentou os atributos necessários para a divindade (que Deus não pode deixar de ter para ser Deus): inteligência suprema e soberana; eterno, imutável, imaterial, único, onipotente; soberanamente justo e bom; infinitamente perfeito e único. Essa análise, expandida em \*O Livro dos Espíritos\*, acompanha o pensamento de Kardec em sua obra, culminando em um texto mais extenso no livro *A Gênese*.

Apesar desse pano de fundo, poucas vezes as menções a Deus feitas por Kardec tiveram a abordagem filosófica que a primeira pergunta de \*O Livro dos Espíritos\* sugere. O criador do espiritismo também tentou explicar Deus e Sua presença em forma de ações, sentimentos e critérios humanos, típico das religiões que criaram Deus à imagem e semelhança do homem. A seguir, alguns exemplos encontrados no mesmo livro primeiro:

*“Sim, se Deus julgar útil, revelará ao homem o que a ciência não pode ensinar-lhe.” (Pergunta 20).*

*“Deus, para castigá-los, quer que assim o creiam.” (101)*

*“Deus levava em conta a intenção.” (672)*

*“Se progride, é porque Deus assim o quer.” (778)*

*“Pobres seres, que Deus castigará.” (781)*

*“Deus criou todos os espíritos iguais.” (804)*

Podemos inferir, em muitos outros pontos da obra de Kardec, que a linguagem utilizada é figurada, usada para facilitar ou possibilitar a compreensão, sem prejudicar o conceito de inteligência universal. No entanto, é evidente que está carregada com a ideia de que há sentimentos, atitudes e ações divinas, o que dificulta o distanciamento da visão religiosa cristã. Alguns exemplos são encontrados ali mesmo, em *O Livro dos Espíritos* [17]:

*“Deus não permite que tudo seja revelado ao homem na Terra.” (Pergunta 17)*

*“Deus lhes impõe a encarnação.” (132)*

*“Deus assim o quer, para sua própria instrução e para castigo dos culpados.” (328)*

*“Deus fez Suas leis para todos.” (803)*

*“Um sacrifício só é meritório pelo desinteresse, e quem o realiza às vezes tem uma segunda intenção que diminui seu valor aos olhos de Deus.” (951)*

Em contraste, outros tantos exemplos extraídos de outras obras de Kardec expressam o conceito de que Deus age, tem vontade e sentimentos:

*“Deus quis que a nova revelação chegasse aos homens pelo caminho mais rápido e mais autêntico.” (O Evangelho Segundo o Espiritismo)*

*“Deus, em Sua misericórdia, envia aos homens esse socorro para afastá-los da incredulidade.” (O que é o espiritismo) [19]*

*“Dessa forma, devemos concluir que o que Deus faz, bem feito está. Ele sabe melhor que nós o que nos convém.” (O Livro dos Médiuns)*

O mesmo esforço para estabelecer os atributos de Deus, citado acima, pode ser visto como uma maneira de tornar a natureza inacessível de Deus mais palpável e próxima à nossa percepção. Consequentemente, isso faz com que o debate se situe no limiar entre a análise filosófica e a simples comparação das características de Deus (superlativas, extremas e até infinitas) com os traços do ser humano.

Kardec considera o sentimento de adoração a Deus uma lei natural e moral:

*“Está na lei natural, pois é o resultado de um sentimento inato no homem. Daí encontrarmos isso em todos os povos, embora com formas diferentes.”*

Kardec não se refere à adoração externa (“a verdadeira adoração é a do coração”), mas a uma experiência individual. Ele também valoriza a adoração conjunta: “Os homens congregados por uma comunhão de pensamentos e sentimentos têm mais força para chamar os bons Espíritos para si”.

### **2.3 As contribuições de autores modernos e contemporâneos**

Após Kardec, vários pensadores espíritas se dedicaram ao tema. Entre aqueles que mais contribuíram para o debate filosófico espírita estão Camille Flammarion, Manuel Porteiro, Jon Aizpúrua, José Herculano Pires e Jaci Regis. Seus estudos detalhados permitem construir um modelo mental fundamentado na visão de Deus como inteligência suprema, distanciando-se da visão antropomórfica.

Camille Flammarion demonstra uma lucidez incomparável em sua obra Deus na Natureza.

*“Passando dos domínios dos seres criados até os do espírito puro, a noção de Deus sofre uma metamorfose em relação à noção das forças da natureza. Essas forças não são mais elos materiais, muito menos fluídicos. Deus nos aparece sob a ideia de um espírito permanente e residente no âmago das coisas. Ele deixa de ser o soberano que governa das alturas celestiais para se tornar a lei invisível dos fenômenos. Ele não habita em um paraíso povoado por anjos e eleitos, mas sim na imensidão infinita, plena de sua presença, onipresença imóvel, totalizada em cada ponto do espaço, em cada instante do tempo, ou melhor, eternamente infinita e*

*acima do tempo, espaço e ordem de sucessão. Qualquer passado e futuro existem para nós, seres sujeitos ao tempo e à medida, mas não para o Eterno. O espaço nos oferece dimensões variadas, mas não o infinito. Não são afirmações metafísicas das quais possamos suspeitar; são deduções inevitáveis e que resultam dos próprios dados da ciência em relação à relatividade dos movimentos e à universalidade das leis”.*

O principal traço distintivo deste texto é que a visão espírita não é antropomórfica nem identifica Deus como governante do Universo. É mais do que isso: Deus é o espírito do Universo.

O pensador argentino Manuel Porteiro, livre-pensador e articulador da sociologia espírita, apresenta a seguinte resposta à pergunta: “Qual é o conceito que os espíritas têm de Deus?”



*“O espírita concebe Deus como o espírito que anima a natureza, como a Inteligência Suprema que rege os destinos do Universo, que regula por meio de suas leis eternamente estabelecidas todos os movimentos da vida; mas não o define, porque definir Deus é limitá-lo ao grau de nossa capacidade; é circunscrever seus atributos ao limite dos nossos; é relativizar o absoluto, fazer do Espírito universal, infinito, um ser limitado e pessoal.”*

Segundo Porteiro, Deus é o espírito que anima a natureza, que rege o Universo e seu destino. Podemos compreender seu significado essencial, mas não podemos defini-lo.

Porteiro propõe, como Kardec, fundamentar a existência de Deus a partir do axioma de que todo efeito inteligente obedece a uma causa inteligente. Ele identifica uma concatenação de causas e efeitos e conclui: “Da magnitude do efeito deduz-se a magnitude da causa”. Ele também identifica um plano “determinado, inteligente e harmonioso” na natureza. “E a este espírito universal, onisciente e absoluto, a esta inteligência suprema é o que o espírita chama Deus”.

Porteiro sugere ainda, em consonância com Kardec, que o pensamento espírita não é panteísta (tudo é tudo), mas panenteísta, pois “considera o ser supremo como a alma do Universo, em cujo seio, e em virtude de seus atributos, tudo existe e tudo se move, e fora do qual não há existência alguma”. Segundo ele, “está estabelecida a priori a identidade substancial entre o relativo e o absoluto, entre o variável e o imutável, e o mundo é considerado pura fenomenologia, a expressão de Deus”.

Assim, Deus se manifesta no mundo, está em tudo, mas Deus não é o mundo nem o mundo é Deus. Jon Aizpúrua afirma que Deus é, no espiritismo, uma premissa maior e que a visão espírita está longe de ser antropomórfica.

(...) O conceito espírita de Deus se distancia radicalmente das ideias antropomórficas, aquelas que atribuem a Deus formas e traços humanos, que caracterizaram as doutrinas religiosas nas mais diversas culturas e civilizações ao redor do planeta. O espiritismo em si não o concebe como um ser pessoal, como uma entidade patriarcal ou como um juiz severo ou caprichoso que impõe castigos ou distribui prêmios e recompensas.

Quanto à adoração, Aizpúrua afirma:

*“À luz do espiritismo, a lei da adoração se cumpre elevando o pensamento a Deus e conduzindo-se na vida de maneira digna, correta e amorosa, sendo desnecessários os intermediários, bem como qualquer tipo de cultos, rituais ou fórmulas sacramentais.”*

A contribuição de José Herculano Pires ao pensamento espírita sobre Deus é multifacetada, embora seja especialmente importante na busca por diferenciar a visão espírita daquela apresentada pelo cristianismo. Herculano, que defende a religião espírita, busca Deus em sua essência, não naquele que conversa diretamente com seus representantes. Ao tratar da experiência de Deus em uma de suas análises mais peculiares, ele identifica que essa experiência sustenta os crentes privilegiados e suas igrejas salvacionistas, e se pergunta se não deveríamos tentar revisar os conceitos religiosos que, segundo ele, levaram a tantos fracassos.

*“O problema de experimentar Deus poderia ser resolvido com um mínimo de reflexão. Se Deus habita em nós, e por isso somos deuses em potencial, segundo a própria expressão evangélica, ¿por que precisamos da busca artificial de Deus para experimentar sua realidade?”*

Na opinião de Jaci Regis, não há como definir Deus, mas podemos apreender sua presença, “a presença de um Ser superior, moral, na convergência da vida”. Segundo ele, o Deus-moral é um mero construtor, já que “tem a ver com a justiça, a sabedoria, os sentimentos, o destino, o que dá um significado efetivo, pessoal, à vida e à morte”. Enquanto isso, ele aborda o julgamento moral que as religiões impuseram em nome de Deus.

*“O espiritismo propõe outra visão da divindade. Nesta, a presença de Deus na vida reaparece como um elemento fundamental, mas as condenações, os anátemas, os estragos são abandonados.”*

As contribuições desses autores permitem a construção de novos modelos mentais sobre Deus, sem pretender fixar um conceito único e monolítico. Eles também permitem construir alternativas livres em relação à concepção cristã, importada para o espiritismo no discurso de diversos autores encarnados e desencarnados, e assimilada facilmente por aqueles que buscam mais do mesmo.

#### **2.4 Deus: temas para o estudo e a reflexão**

O discurso cristão, em que se atribuem a Deus as busca um interlocutor para atender nossas petições e que decide castigar ou recompensar, é majoritário no meio espírita. No entanto, ele poderia ser reformulado e reconstruído sobre outras bases.

Proponho as seguintes perguntas para o debate livre-pensador:

- **Existência de Deus.** Deus existe? Pode-se demonstrar racionalmente a existência de Deus? Deus é um dos princípios fundamentais do espiritismo?
- **Deus e o Universo.** Deus é o espírito do Universo, da natureza? Pode-se distinguir Deus do Universo em si? Deus é o criador do Universo? Deus governa o Universo?
- **Compreensão de Deus.** É possível desenvolver e assimilar um conceito não antropomórfico de Deus? Alguns atributos de Deus podem ser identificados e compreendidos?
- **O Deus das religiões.** O que distingue a concepção espírita de Deus daquela das religiões, especialmente o cristianismo?
- **Experiência de Deus.** O ser humano pode experimentar Deus em sua existência? Deus influencia nossas vidas?

- **Adoração a Deus.** Como entender o sentimento de adoração a Deus? Esse sentimento é inato e característico do espírito humano? Como entender as diferentes formas de adoração a Deus e seu impacto na vida das pessoas?
- **Deus e moral.** Para o ser humano, existe algum vínculo entre a crença em Deus e a moral?
- **Linguagem.** Como desenvolver uma linguagem apropriada ao conceito de Deus, sem amarras cristãs?

Continua na próxima edição...



## Resenha

# O Mundo do Amanhã à Luz do Espiritismo

Diante dos grandes desafios do futuro para as sociedades do mundo, o espiritismo pode lançar uma luz particular sobre uma nova visão que incorpora a espiritualidade.

Certamente existem muitas lutas humanistas que, do ponto de vista ético, não diferem das opções espíritas, nas quais convergem todas as boas vontades, independentemente das convicções filosóficas de cada um.

As leis reveladas pelo mundo espiritual são princípios naturais que emanam de

um poder transcendente de criação e amor infinito. É pela existência de Deus que se explicam os dons da vida, a continuidade do espírito além da morte e a evolução intelectual e moral da alma pela lei da reencarnação.

A partir daí, torna-se possível entender as grandes questões da civilização e da sociedade de maneira diferente dos argumentos do materialismo filosófico. Este é o estudo apresentado neste livro, à luz

das mensagens do além e de uma reflexão que leva em conta os grandes princípios da filosofia espírita.



Os coautores deste livro são os representantes e responsáveis por três ramos do Círculo Espírita Allan Kardec: Colombe Jacquin em Lyon, Jacques Peccatte em Paris e Luc Gruntz em Belfort.



REVISTA HORIZONTE, de la PUC Minas

Por primera vez en la historia, una revista científica publicó un número completo dedicado a estudios académicos sobre Allan Kardec.

Dossier - Allan Kardec: vida, ideas, obras e influencias

En la Revista Horizonte, de la PUC Minas, con evaluación máxima por CAPES: A1

Editores: Angélica Almeida, Adriana Gomes y Marcelo Pimentel

*Disponibile gratuitamente en:*

<https://www.instagram.com/reel/DBb0rdMvyTI/?igsh=a2ltc3RpaXExdHgZ>

**HOMENAGEM A EUGENIO LARA - SÁBADO DIA 02 DE  
NOVEMBRO DE 2024 ÀS 15 H - LOCAL: CEAK-CENTRO  
ESPÍRITA ALLAN KARDEC - SANTOS**

# Homenagem a Eugenio Lara



**CPDoc**  
Centro de Pesquisa e  
Documentação Espírita

Participe de uma linda  
homenagem a um  
grande pensador e  
jornalista espírita  
brasileiro!!

Data: Sábado, 02 de Novembro  
de 2024, às 15h

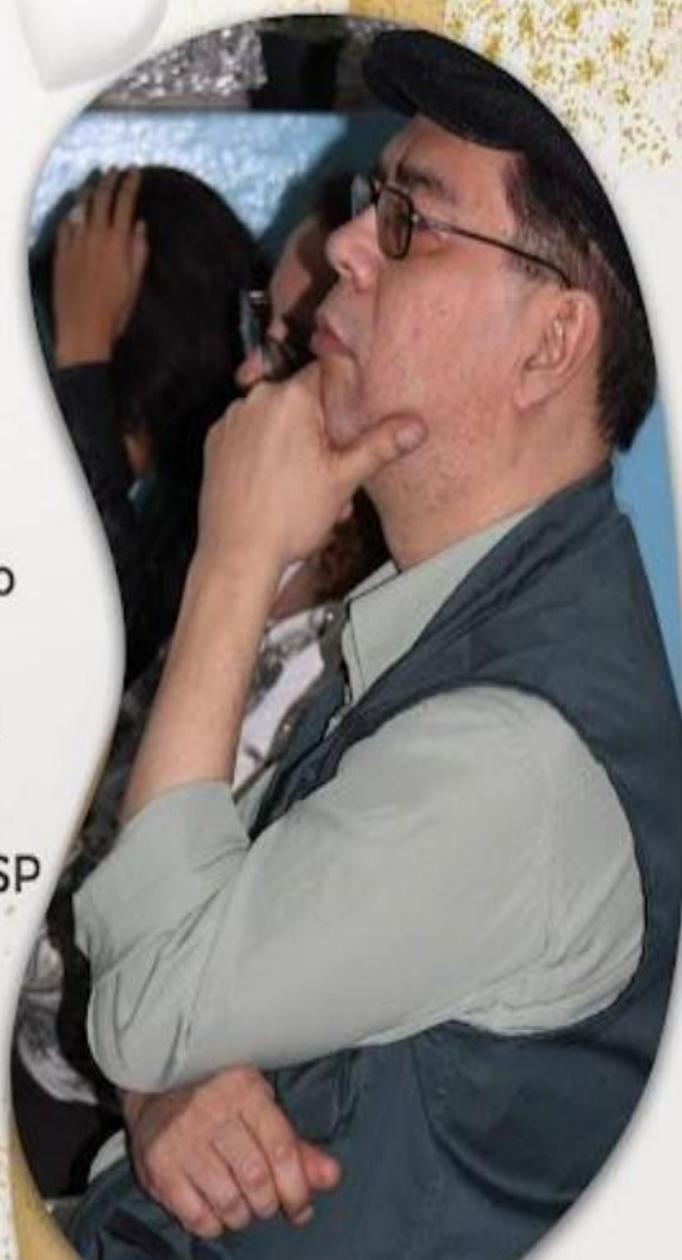
Local: CEAK - Centro Espírita  
Allan Kardec

Rua Rio de Janeiro, 31 - Santos/SP

Apoio:



Instituto Cultural **Kardecista**





Centro Espírita Amor y Caridad y  
Escuela Espírita Allan Kardec

TERCER ENCUENTRO

espiritista

EN ORLANDO

23 de  
noviembre 2024  
8:30AM - 5PM  
7575 Kingspointe Pkwy



Por favor completa este formulario antes del 16 de noviembre de 2024 para reservar tu espacio. Si vas a participar presencialmente, con esta información sabemos que te podemos reservar una silla y tener tu plato de almuerzo listo. Por favor recuerda enviar tu donativo de \$15 para el almuerzo por el enlace que recibirás por email. Si participarás por Zoom, es importante que completes este registro, porque compartiremos el enlace exclusivamente con las personas que llenen el formulario.

9:45 AM

La juventud  
más allá  
de los  
prejuicios

RECURSO  
Gregorio Rivera  
Estudioso Espírita

10:15 AM

Mediumnidad  
en la  
infancia

RECURSO  
Vanessa González  
Estudiosa Espírita

11:00 AM

Ser  
jóven y  
reconocerse  
el espíritu

RECURSO  
Nelly Urrusola  
Presidenta del Centro  
Espírita Emmanuel,  
Maldonado, Uruguay

1:35 PM

Aprendiendo  
Espiritismo  
en casa:  
de la niñez  
a la adultez

RECURSO  
José Arroyo  
Director de la Escuela  
Espírita Allan Kardec

2:05 PM

El Espiritismo  
y la Ciencia:  
Un diálogo  
para la Nueva  
Generación

RECURSO  
Sra. Nancy Rivera  
Coordinadora del grupo en  
español del Centro Espírita  
Amor y Caridad



FORMULARIO  
DE REGISTRO  
¡AQUÍ!



DONATIVO  
DE \$15  
PARA  
ALMUERZO

RESERVA TU SILLA A TIEMPO. ESPACIOS LIMITADOS.

Para más información, comunícate con Nancy Rivera | 321.900.2812 | maestra\_nancyrivera@yahoo.com